

Da lama à avenida

Grande Rio mergulha no manguezal em enredo que celebra o movimento manguebeat



Reprodução/Instagram



Detalhe de carro da escola, que celebra a potência artístico-estética evocada pelo manguezal explicada pelo carnavalesco Antônio Gonzaga

RAFAEL LIMA

Pernambuco está em alta. Além das indicações do longa "O Agente Secreto" ao Oscar, a cultura do estado é celebrada no carnaval carioca, e não é pelas mãos do frevo. A Acadêmicos do Grande Rio leva à Marquês de Sapucaí um carnaval entranhado na lama dos bairros periféricos do Recife ao celebrar o movimento do manguebeat, uma revolução artístico-musical-estética que ganhou o mundo pelas mãos de Chico Science e Nação Zumbi.

Assinado pelo carnavalesco Antônio Gonzaga, o desfile parte das raízes para chegar à explosão urbana que consagrou o manguebeat. Antes do encontro entre maracatu, rock, hip-hop e influências estrangeiras, a escola percorre os mangues, a vida nas margens e o cotidiano dos catadores de canguejo, além da força da ancestralidade que rege esse território. "A gente entende o manguebeat como essa explosão de música urbana que mistura maracatu com hip-hop e rock, mas antes disso existe toda uma raiz cultural que

precisa ser apresentada", explica o carnavalesco. Segundo ele, a presença simbólica de Nanã, divindade ligada à lama e à criação, surge como elemento condutor desta narrativa.

O enredo se estrutura em diferentes momentos, refletindo a diversidade estética que marca a própria essência do manguebeat. A proposta visual acompanha essa transformação. Há setores de linguagem mais rústica, com aparência quase artesanal, que remetem à terra, à lama e ao trabalho manual. Em outros momentos, o desfile assume a estética clássica do carnaval, com brilho, pedrarias e paetês. Já na chegada à urbanidade, entram em cena referências contemporâneas como grafite, transparências e materiais que dialogam com a cultura das periferias e com a arte das ruas.

Essa diversidade visual, segundo Antônio Gonzaga, é uma exigência do próprio enredo. "Cada momento do desfile tem uma linguagem estética diferente, porque a narrativa muda. A gente passa pelo rústico, pelo tradicional do carnaval e chega numa estética mais urbana", afirma. Ele destaca ainda a força da abertura e do

“A gente entende o manguebeat como essa explosão de música urbana que mistura maracatu com hip-hop e rock, mas antes disso existe toda uma raiz cultural que precisa ser apresentada”

ANTÔNIO GONZAGA

quarto setor como pontos-chave da apresentação. "O meu compromisso é que a visualidade transporte o componente e o público para dentro do universo do manguebeat. A ideia é mergulhar mesmo nesse manguezal."

Na avenida, essa travessia ganha voz em um nome que se tornou símbolo recente dos sambas da Grande Rio. Evandro Malandro, intérprete oficial da escola, carrega no timbre potente e marcante a responsabilidade de conduzir o enredo diante do público da Sapucaí. Sua trajetória chama atenção por ter começado fora do universo do samba. "Eu vim da música clássica, não era do samba. Minha história com a Grande Rio

começou entre 2008 e 2009, quando defendi um samba da escola", relembra.

Natural de Nova Friburgo, Evandro passou a integrar o carro de som da agremiação em 2014, permanecendo até 2018. O reconhecimento veio também pelo trabalho desenvolvido no Acadêmicos do Cubango, onde conquistou prêmios importantes. "Graças a Deus, fiz um bom trabalho com o meu time, e isso abriu portas", diz. A virada de chave aconteceu em 2020, quando conquistou o Estandarte de Ouro e viu seu nome ganhar projeção nacional. "Sempre busquei excelência no trabalho. Os holofotes vieram pelo desempenho e pela entrega", afirma.

Figura histórica da Grande Rio e presença constante no Carnaval carioca, David Brazil também se vê diretamente representado pelo enredo de 2026. Pernambucano, nascido em Casa Amarela, ele celebrou a escolha do tema como uma homenagem à cultura de seu estado natal e à sua trajetória dentro da escola. "As minhas expectativas são as melhores possíveis, com um enredo maravilhoso que é o movimento cultural do meu Pernambuco. Para quem não sabe, eu sou pernambucano e são quase 30 anos de Grande Rio", conta, com orgulho.

Com carinho pela comunidade de Duque de Caxias, David destacou a relação afetiva com a escola e comentou os desafios recentes com a chegada de Virgínia Fonseca como rainha de bateria. "Foi uma turbulência, uma tempestade, mas graças a Deus passou. Hoje está tudo calmo, tudo maravilhoso", disse, ao elogiar o momento atual da escola. Ele também exaltou segmentos como a bateria e o casal de mestre-sala e porta-bandeira. "Que venha o carnaval e, quem sabe, o campeonato. Quem ama o carnaval sabe o amor que se tem pelo pavilhão", torce.